

Mercado público de Porto Alegre e arquitetura eclética: da proteção de matriz africana ao controle psicossocial

Porto Alegre public market and eclectic architecture:
from African matrix protection to psychosocial control

Agemir Bavaresco¹
PUCRS

Henrique Streit²
PUCRS

150

RESUMO

O estudo realiza uma análise histórico-crítica de como os cidadãos de Porto Alegre vivenciaram as mudanças estruturais e as instrumentalizações de controle psicossocial nas décadas de 1910 e 1920, com foco no Mercado Público (MP). O objetivo é explicitar como a estrutura do mercado funcionava, simultaneamente, enquanto um dispositivo de segurança cultural e controle psicossocial sobre os corpos nas relações de consumo de bens e serviços. Investiga-se em que contexto foram introduzidos os dispositivos de segurança cultural e de controle panóptico arquitetônico, ou seja, quais são as diferentes concepções de segurança presentes no MP. Para interpretar esse fenômeno histórico-arquitetônico, são utilizadas referências como “Porto Alegre, Arquitetura e Estilo – 1880 a 1930” de Bárbara Schäffer e “Vigiar e Punir” de Foucault. Primeiramente, descreve-se a edificação, a origem arquitetônica do entorno do MP e a inclusão da religiosidade popular do Batuque gaúcho. Em seguida, reconstrói-se o sistema de controle panóptico por meio das funções arquitetônicas. Por fim, refletem-se as diferentes formas de segurança no contexto do mercado, a saber, a segurança cultural e a função panóptica de controle e policiamento, especialmente durante as reformas do MP. A pesquisa interdisciplinar conecta a Psicologia Social e Institucional com a Arquitetura e Estética, oferecendo um diagnóstico atual do ecossistema urbano do MP.

PALAVRAS-CHAVE

Mercado público; religiões afro-brasileiras; arquitetura; controle psicossocial

¹ E-mail: abavaresco@puhrs.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7967-4109>

² E-mail: contacthenrique Streit@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-4901-6547>

ABSTRACT

This study employs a historical-critical approach to examine the experiences of Porto Alegre citizens regarding the structural changes and instrumentalizations of psychosocial control during the 1910s and 1920s, with a particular focus on the Public Market (PM). The objective is to elucidate the way the market structure operated as a mechanism of cultural security and psychosocial control over individuals engaged in the consumption of goods and services. The investigation considers the context in which the devices of cultural security and architectural panoptic control were introduced, namely the various conceptions of security present in the PM. To interpret this historical-architectural phenomenon, references such as "Porto Alegre, Arquitetura e Estilo - 1880 a 1930" by Bárbara Schäffer and "Vigiar e Punir" by Foucault are employed. Firstly, the building is described, along with the architectural origins of the PM's surroundings and the inclusion of the popular religiosity of Batuque gaúcho. Subsequently, the panoptic control system is reconstructed through an analysis of the architectural functions. Finally, the different forms of security in the context of the market are considered, namely cultural security and the panoptic function of control and policing, with particular reference to the renovations of the PM. The interdisciplinary research connects Social and Institutional Psychology with Architecture and Aesthetics, offering a current diagnosis of the PM's urban ecosystem.

KEYWORDS

Public market; afro-Brazilian religions; architecture; psychosocial control

INTRODUÇÃO

Este estudo realiza uma análise histórico-crítica das transformações estruturais e das instrumentalizações de controle psicossocial impostas sobre a população de Porto Alegre ao longo dos anos. A pesquisa focaliza o ambiente circundante do Mercado Público, no centro da capital gaúcha, explorando as diferentes propostas arquitetônicas, os mecanismos de controle psicossocial e os vieses históricos relacionados à segurança nesse espaço mercantil

Os objetivos são de explicitar como a população de Porto Alegre foi submetida aos mecanismos de controle psicossocial meio a arquitetura eclética clássica na década de 1910 e 1920, para explicar como se mantém esse controle panóptico dos arredores do ambiente do mercado, no centro da cidade; apresentar a evolução histórica da arquitetura do ambiente do Mercado Público no centro de Porto Alegre, avaliando o propósito das edificações, atravessamentos culturais, e suas reformas até a década de 1930; explicitar o constructo de Foucault sobre o panóptico, para diagnosticar a prática de "vigiar e punir" sobre a população, identificando os elementos panópticos das mudanças arquitetônicas do ambiente do Mercado Público; descrever os impactos psicossociais e culturais ao longo da história sobre a população para compreender as diferentes concepções de arquitetura, segurança e controle do mercado.

Para isso, utilizamos a pesquisa de Bárbara Schäffer “Porto Alegre, Arquitetura e Estilo - 1880 a 1930” para compreender historicamente a evolução arquitetônica de Porto Alegre até o período das reformas ecléticas clássicas no centro da cidade (1898-1931). Referenciamos a obra “Vigiar e Punir” para apresentar a função panóptica de controle psicossocial - conceito fundamental ao se analisar as funções arquitetônicas ecléticas do Mercado Público e seus arredores.

Primeiramente, apresenta-se a concepção do ambiente do Mercado Público de Porto Alegre e seus arredores, seu atravessamento cultural à divindade do Batuque gaúcho, e as diferentes propostas de reformas até o momento de consolidação da arquitetura eclética clássica da década de 1910. Após, descreve-se o constructo de Foucault a respeito da função panóptica por meio da arquitetura. Por fim, aproximam-se as diferentes concepções histórico-culturais a respeito da segurança imposta neste espaço urbano, analisando sua origem e suas evoluções arquitetônicas.

A pesquisa adota a metodologia hermenêutica-dialética como abordagem central à uma pesquisa interdisciplinar entre Psicologia, Filosofia e Arquitetura. Seu viés crítico e aberto permitirá um questionamento contínuo ao fortalecimento de novas perspectivas, evocando compreensões profundas, oferecendo inovações na integração de distintas disciplinas e valorizando a complexidade e a pluralidade inerente aos fenômenos sociais e culturais abordados na pesquisa.

A relevância desta pesquisa reside na capacidade de desvelar as complexas interações entre arquitetura, controle psicossocial e as dinâmicas histórico-culturais que moldaram a experiência urbana dos cidadãos de Porto Alegre, nos arredores do Mercado Público. Ao analisar as transformações estruturais e as instrumentalizações de controle impostas desde o início do século XX, o presente estudo contribui à análise das transformações históricas e culturais sob a segurança deste espaço urbano da capital gaúcha.

1 OS ATRAVESSAMENTOS HISTÓRICOS DO MERCADO PÚBLICO DE PORTO ALEGRE E SEUS ARREDORES

1.1 CONSTRUÇÃO DO MERCADO PÚBLICO: RELIGIOSIDADE DO BATUQUE GAÚCHO

Em 1844, foi consolidada a edificação do primeiro Mercado Central de Porto Alegre, que apresentava uma planta arquitetônica de configuração quadrangular, erigida em alvenaria de tijolos. A construção foi concebida para centralizar a totalidade do comércio de carnes da cidade. No ano subsequente, 1845, foram iniciadas intervenções para o revestimento externo do mercado, o que incluiu a aplicação de reboco e a caiação das paredes, visando melhorar a estética e a durabilidade da estrutura. Neste mesmo ano, discutia-se sobre a possibilidade da construção de um novo mercado, estruturado de maneira mais ampla.

Anos após, em 1861, o engenheiro alemão Frederico Heydtmann apresentou o projeto para a expansão desejada, desenvolvendo o Mercado Público, a partir da arquitetura neoclássica. Este projeto original da edificação foi significativamente modificado, com a ampliação de suas dimensões e a adição de torreões nos cantos da edificação. Após a homologação do projeto revisado, a pedra fundamental da construção foi lançada em 29 de agosto de 1864. A inauguração oficial do mercado ocorreu em 3 de outubro de 1869, e a estrutura foi aberta ao público em 1 de janeiro de 1870. Essas modificações e a subsequente abertura do mercado refletem um esforço contínuo para atender às crescentes demandas comerciais e às necessidades urbanísticas da cidade.

Na segunda metade do século XIX, observou-se um movimento migratório significativo de escravos e ex-escravos das regiões de Pelotas e Rio Grande para a cidade de Porto Alegre. Muitos destes migrantes envolveram-se na construção do Mercado Público enquanto mão de obra escrava, desempenhando papéis fundamentais na edificação deste importante centro comercial. Este período migratório também foi marcado pela introdução e disseminação da religião do Batuque gaúcho na capital, praticada pelos migrantes, e que se trata do resultado do sincretismo religioso entre as tradições espirituais dos povos da Guiné, Benim e Nigéria, incorporando também alguns elementos do Candomblé baiano.

De acordo com os relatos dos praticantes da religião do Batuque gaúcho, durante o processo de construção do Mercado Público, foi realizado o ritual de “assentamento”³ de um Bará. Este rito consiste em enterrar uma pedra sagrada, chamada Ocutá, para a divindade Orixá pertencente à religião de matriz africana, acompanhada de cinco bois. Desta forma, enterram-se também os fundamentos e a proteção espiritual associados ao Orixá, assegurando o espaço do Mercado Público enquanto um ponto central de preservação desses fundamentos religiosos e em um símbolo da resistência cultural de seu povo.

Na concepção religiosa, o Bará é a divindade dona das chaves, das encruzilhadas e dos caminhos, possui vestimentas vermelhas, forma de humano e tem consigo sete chaves (em ordem, as chaves da: prosperidade, sabedoria, saúde, amor, proteção, justiça, felicidade). Trata-se do primeiro Orixá a ser saudado em orações, e deseja-se que ele possibilite que se abram os caminhos da vida.

O Bará é visto como o dono e protetor do Mercado Público, sendo identificado como Bará Agelú Olojà, um Orixá jovem associado aos cursos d’água. Visitantes do Mercado Público frequentemente lhe oferecem tributos na forma de moedas, chaves e balas de mel, posicionando-as ao centro do mercado - local onde ele foi assentado e ponto de encontro entre as quatro entradas, ou os quatro caminhos, do estabelecimento. Este Orixá continua a ser homenageado pelos praticantes das

³ Assentar um Bará refere-se ao ritual de consagração e fixação do Orixá em um local específico, geralmente por meio da vinculação de uma pedra preparada especialmente para ele. Este processo envolve uma série de envoltivos que podem incluir cânticos, oferendas, defumações e sacrifícios. O objetivo é criar um ponto de conexão estável e permanente com a energia de Orixá, garantindo sua presença, proteção e atuação contínua naquele espaço.

religiões afro-brasileiras dentro do mercado, que o saúdam e realizam suas oferendas, perpetuando as tradições e práticas religiosas vinculadas a ele até os dias atuais:

Atualmente Bará é um elo central nos processos de reterritorialização das populações negras em nível regional e conforme apresentado ao longo do texto, o orixá Bará do Mercado, reelaborado em solo brasileiro, é reconhecido por autoridade africanas devido a sua importância nas continuidades afrodiáspóricas das tradições Yorubás. Bará e o panteão de orixás africanos cultuados em uma Porto Alegre do século XXI são (re)feitos junto com o Mercado e com a miríade de produtos, plantas e alimentos suscitados em suas ritualizações. O sagrado se espalha pelos quatro cantos do espaço, desde as vozes repetindo que o deus africano é o dono dali, até as marcações materiais, nem sempre diretamente visíveis, presentes no local (RODRIGUEZ, 2023, p. 71)

Movimentos importantes dizem respeito ao reconhecimento do Bará enquanto patrimônio imaterial da cidade de Porto Alegre no ano de 2013. Neste mesmo ano, foi construído um mosaico dentro do mercado público em sua homenagem. A arte é realizada com pedras brasileiras das cores vermelho e amarelo, e o desenho do mosaico contém suas sete chaves em bronze. No ano de 2021, foi aprovada a lei nº 12.824, que vincula o Bará do Mercado Público enquanto um patrimônio histórico-cultural do município de Porto Alegre.

Movimentos significativos ocorreram no ano de 2013 com o reconhecimento do Bará enquanto patrimônio imaterial da cidade de Porto Alegre. Neste mesmo ano, um mosaico foi construído no interior do Mercado Público em sua homenagem - a arte foi confeccionada com pedras brasileiras nas cores vermelho e amarelo e apresenta, em seu desenho, suas sete chaves em bronze. Posteriormente, em 2021, foi aprovada a Lei nº 12.824, que formalizou o Bará do Mercado Público enquanto um patrimônio histórico-cultural do município de Porto Alegre. Esta legislação reforça a importância do Bará não apenas como um elemento religioso, mas também como parte integrante da identidade cultural e histórica da cidade, reconhecendo e preservando a resistência das tradições afro-brasileiras.

1.2 AS MUDANÇAS ARQUITETÔNICAS

Um relevante antecedente relacionado à construção do Mercado Público se introduz no ano de 1824, quando ocorreu um significativo movimento de imigração alemã para o Vale do Rio dos Sinos. Alguns desses imigrantes optaram por se estabelecer na capital, Porto Alegre, e o local designado às suas instalações corresponde à atual Rua Voluntários da Pátria, situada no centro histórico da cidade.

Uma parte desses imigrantes alemães consistia de artesãos e construtores que desempenharam um papel fundamental nas construções da cidade. No contexto pós-

revolução industrial, Porto Alegre experimentou décadas de significativo crescimento econômico, impulsionado em grande parte pela imigração - neste cenário, a partir de 1849, os imigrantes alemães iniciaram o envolvimento às construções de arquitetura neoclássica da cidade, especialmente no centro histórico. Este estilo arquitetônico, que havia sido amplamente disseminado na Alemanha entre as décadas de 1770 e 1780, é caracterizado por suas linhas simétricas, proporções equilibradas e referências à arquitetura clássica greco-romana.

Neste período de consolidação da arquitetura neoclássica em Porto Alegre, destacam-se figuras como Phillip von Normann, responsável pela elaboração dos projetos como a Casa da Câmara e do Teatro São Pedro a partir do ano de 1849. Influenciado pelo trabalho de Normann, Frederico Heydtmann, anteriormente mencionado, foi encarregado de projetar o Mercado Público em 1861, e que foi aberto ao público em 1870.

Avalia-se que a edificação do Mercado Central de Porto Alegre, em sua construção original de 1844, não possuía um estilo arquitetônico em definição - tratou-se de uma estruturação que possuía fins utilitaristas comerciais, típicos das construções deste período. Desta forma, verifica-se que a influência dos imigrantes alemães ao neoclassicismo na arquitetura de Porto Alegre foi determinante para o desenvolvimento urbano da cidade, conferindo uma nova estética europeia e contribuindo para a diversificação cultural e arquitetônica - tanto do Mercado Público, quanto da capital gaúcha como um todo:

Em Porto Alegre, edificações com características neoclássicas começam a ser identificadas, a partir de 1849, com a construção do Teatro São Pedro. Seguem outras obras de destaque em estilo neoclássico no mesmo período como a Casa de Câmara, a Bailante, o Mercado Público, a Cúria Metropolitana e o Hospital São Pedro [...] o prédio da Assembleia Provincial, de 1860; o Solar dos Câmaras, no que se refere à reforma de 1874 (SCHÄFFER, 2011, pp. 26 e 29).

Destaca-se que neste período de construção a mão de obra predominante nas edificações era composta por escravos, tanto os residentes em Porto Alegre quanto aqueles que migraram de outras cidades. Avalia-se enquanto um movimento de colonização significativamente simbólico, pelo qual a ancestralidade afro-brasileira encontra-se enterrada e acima ergue-se a nova estética arquitetônica europeia proposta para a capital gaúcha, construída sob mão de obra negra, brasileira. A respeito do processo de escravidão, esclarece Rodriguez: a população negra da cidade participou ativamente não apenas dos circuitos alimentares da capital, mas também enquanto mão-de-obra escravizada para construção do espaço (RODRIGUEZ, 2023, p. 14)

A partir do ano de 1898, a linha estilística de arquitetura que emergiu em Porto Alegre tornou-se a eclética clássica, principalmente, entre os anos de 1898 a 1931. As suas principais características dizem respeito a grandiosidade, rigorosa

hierarquização dos espaços internos e elaborada riqueza decorativa, e as principais edificações que passaram por esta reforma, e que possuem natureza monumental, dizem respeito a: Palácio Municipal (1898); Escola de Engenharia da UFRGS (1898); Igreja de Nossa Senhora das Dores (1900); Banco Pelotense (1910); Colégio Militar – primeiro piso (1912); Biblioteca Pública (1912); Mercado Público (1913)⁴; Escola Elementar Paula Soares (1918); Sede do Jornal “A Federação” (1921); Secretaria da Fazenda (1924); Instituto Parobé (1925); Sede do Jornal “Correio do Povo” (1925); Cemitério São Miguel e Almas (1926); Palacete Santo Meneguetti (1926); Livraria do Globo (1927); Hidráulica da 24 de Outubro (1928); Banco Nacional do Comércio (1931).

A respeito desta transição entre a arquitetura neoclássica e eclética clássica, Schäffer esclarece os pontos de aproximação e de divergências, analisando as características de ambos os estilos:

Estes dois estilos têm muitos pontos em comum, dentre os quais se destacam o emprego das ordens clássicas e seus elementos complementares. A diferença é relevada na maior profusão de elementos decorativos, tanto na linguagem clássica como de ornamentos aplicados (estatuária, texturas, frisos, etc.) (SCHÄFFER, 2011, p. 34).

156

O processo de reforma do Mercado Público de Porto Alegre ao novo viés estilístico arquitetônico teve início em 1909, a partir de um relatório elaborado pelo ex-intendente José Montaury. Este documento reforçava ideias anteriores para a adição de um segundo piso ao estabelecimento, destinado à instalação de escritórios comerciais e industriais, além de repartições públicas. O objetivo visava diversificar funcionalidades, como também aumentar a eficiência operacional e a receita do mercado.

O projeto iniciou neste mesmo ano do relatório, contudo, enfrentou danos significativos por decorrência de um incêndio ocorrido em 1912, que comprometeu parte das estruturas do mercado em reforma. Apesar deste contratempo, a reconstrução foi retomada e a reforma foi concluída com sucesso em 1913.

A reforma eclética clássica do mercado, caracteriza a atual estética nos dias atuais que, assim como outros estabelecimentos do centro histórico de Porto Alegre, possui grandes entradas e janelas, na parte superior e inferior, posicionados em uma visão holística 360°, e com grande riqueza de detalhes e ornamentos que o tornam vasto, agradável e seguro. A partir desta visão histórica, entende-se que esta importante edificação carregada de uma potente história assegura a revitalização e a continuidade funcional do espaço enquanto um importante centro comercial e cultural da cidade de Porto Alegre.

⁴ Apresenta-se que, neste novo momento de reforma, o Brasil já havia atravessado a fase de promulgação da Lei Áurea, a qual aboliu a escravidão no país em 13 de maio de 1888. Com isso, houve uma substituição sistemática da mão de obra escrava por trabalhadores imigrantes.

A reforma eclética clássica do Mercado Público de Porto Alegre define a atual estética da edificação, alinhando-se aos demais estabelecimentos do centro histórico da cidade. Caracteriza-se por suas amplas entradas e janelas dispostas tanto na parte superior quanto na inferior do edifício, concebidas para proporcionar uma visão panorâmica de 360° em relação ao seu exterior. A riqueza de detalhes e ornamentos contribui para a grandiosidade, atratividade e segurança do espaço.

Do ponto de vista histórico, o Mercado Público possui uma carga significativa e potente - representa um símbolo de revitalização urbana e continuidade funcional como centro comercial e cultural de Porto Alegre. Destaca-se como um espaço de resistência que continua a desempenhar um papel fundamental na vida urbana e religiosa da cidade.

2 FOUCAULT E A FUNÇÃO PANÓPTICA DE CONTROLE PSICOSSOCIAL

O Mercado Público de Porto Alegre, aberto para o comércio em 1870, é um dos marcos históricos mais relevantes da cidade, e em sua concepção, visou centralizar e organizar o comércio, além de fornecer um espaço de convivência e troca cultural. Ao longo dos anos, o mercado passou por diversos momentos de reformas, sendo a reforma eclética clássica de 1913 uma das mais significativas, consolidando sua atual estética.

Historicamente, o mercado funciona como um ponto de convergência para diversas comunidades, destacando-se os praticantes de religiões de matriz africana, avaliando que em sua construção, entre 1864 e 1869, ocorreu o assentamento do Orixá Bará no centro do estabelecimento, realizado pelos escravos envolvidos na obra. Essa profunda conexão com o espaço físico contribui até hoje para a disseminação e preservação das práticas culturais e religiosas.

A reforma da arquitetura eclética clássica, ocorrida em 1913, introduziu avanços significativos em termos de infraestrutura e organização, refletindo também as dinâmicas de poder através da arquitetura. A reforma consolidou o mercado como um dispositivo de vigilância constante, implementando grandes portas e janelas que permitiam uma visão holística de 360°. Essa função arquitetônica, alinhada com os princípios do panoptismo, reforça o controle e o monitoramento constante, características presentes no constructo de Foucault.

Michel Foucault, em seu livro "Vigiar e Punir", apresenta o sistema panóptico de controle psicossocial enquanto uma arquitetura projetada para permitir a vigilância contínua e invisível sobre os indivíduos. Esta função panóptica organiza-se no espaço de forma a centralizar a observação - pelo qual um único vigia pode observar todos ao redor, sem que possam saber se estão sendo observados em determinado momento. Desta forma, instaura-se um efeito de visibilidade permanente, induzindo os indivíduos a internalizarem a vigilância e regularem seu próprio comportamento em conformidade com as normas estabelecidas.

Foucault esclarece que essa função arquitetônica é predominante nas sociedades disciplinares modernas, pelas quais a disseminação de dispositivos de

vigilância e controle permeiam diversas instituições sociais - como prisões, hospitais, escolas, fábricas, dentre outros, e organizam uma forma de controle que é ao mesmo tempo contínua e automatizada. A arquitetura, nesse sentido, torna-se um instrumento primordial ao poder, facilitando a prática de "vigiar e punir" ao transformar a observação em um mecanismo de dominação psicossocial.

Assim elucidado, é possível refletir que a introdução do dispositivo panóptico no Mercado Público de Porto Alegre, através da função arquitetônica eclética clássica em 1913, ainda dizia respeito à organização social típica das sociedades disciplinares. Este tipo de arquitetura, portanto, representa uma herança dessa estrutura disciplinar que se mantém em nossa atual sociedade de controle. Foucault esclarece que, embora as lógicas de disciplinaridade e controle se sobreponham, elas não se substituem completamente - desta forma, reflete-se sobre uma continuidade nas formas de organização e vigilância social, onde as características da sociedade disciplinar são integradas e adaptadas às novas modalidades de controle.

A aplicação das ideias de Foucault sobre panoptismo no Mercado Público de Porto Alegre revela como estruturas de vigilância e controle estão integradas ao funcionamento cotidiano desses espaços. A vigilância constante, neste caso, em nível arquitetônico, atua de forma a manter a ordem, influenciando comportamentos e assegurando a conformidade com as normas estabelecidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

CONCEPÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A SEGURANÇA

A análise histórico-crítica revela uma interligação profunda entre a concepção de segurança cultural e religiosa na construção inicial do Mercado Público de Porto Alegre, finalizada em 1869, e a subsequente evolução dessa segurança através da arquitetura eclética clássica resultante da reforma de 1913. Desde sua fundação, o mercado incorporou elementos simbólicos e espirituais que refletiam as crenças, práticas e resiliências religiosas locais, a partir da presença do orixá Bará, enterrado no centro do edifício.

O assentamento do Bará durante a construção do mercado desempenha um papel significativo na percepção de segurança espiritual e cultural dos frequentadores do estabelecimento até os dias atuais. Este aspecto histórico destaca como práticas religiosas e as construções físicas podem estar intimamente interligadas na formação da identidade, segurança cultural e o senso de pertencimento e comunidade. Esse espaço público permite a circulação de saberes e práticas ancestrais, contribuindo para a resistência e a manutenção da identidade cultural afro-gaúcha.

Com a reforma eclética clássica de 1913, observamos um novo atravessamento na concepção de segurança, agora centrada no monitoramento panóptico e na arquitetura projetada para facilitar a vigilância e o controle, que é ao mesmo tempo invisível e eficiente. Essa abordagem reflete uma multifacetada adaptação aos desafios urbanos contemporâneos e seus atravessamentos psicossociais - a

continuidade na preocupação com a segurança pública, monitoramento, controle sob os corpos e a eficiência operacional do espaço.

A partir desta reforma, o Mercado Público passou por uma significativa transformação estética e funcional. Essa modernização, enquanto visava embelezar e organizar o espaço, também trouxe implicações socioculturais importantes: a) A reforma eclética introduziu uma maior ordem e regulamentação no mercado. As novas estruturas e a organização do espaço refletiam uma imposição de controle sobre as atividades comerciais e sociais; b) Com base no constructo de Foucault sobre panoptismo, a arquitetura eclética do mercado facilitava a vigilância dos frequentadores.

Ao longo de sua história, o Mercado Público de Porto Alegre evoluiu como um centro econômico e cultural, testemunhando complexas interações entre seguranças em instâncias culturais e físicas. Isso retrata como as construções arquitetônicas podem ser protagonistas na narrativa da identidade e segurança na vida da sociedade ao longo do tempo – na edificação em análise servindo, simultaneamente, enquanto resistência cultural e instrumento de regulamentação social, a partir de diferentes concepções sobre a segurança em sua história.

Hoje, o Mercado Público de Porto Alegre permanece um símbolo significativo da história e identidade cultural da cidade, representando um marco arquitetônico e um espaço de memória e resistência. As práticas culturais de matriz africana neste estabelecimento continuam simbolizando um importante núcleo cultural de Porto Alegre, testemunhando a persistência e a vitalidade das tradições afro-brasileiras. Ao refletir sobre essa história, reconhecemos a importância de proteger e valorizar as práticas culturais e religiosas de todas as comunidades, garantindo que a diversidade cultural continue a florescer em espaços compartilhados.

159

REFERÊNCIAS

- BRITTO, F. D.; JACQUES, P. B. *Corpocidade - Debates, Ações e Articulações*. Bahia: Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA), 2010.
- _____. *Corpocidade - Gestos Urbanos*. Bahia: Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA), 2017.
- CALVINO, I. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FOUCAULT, M. *Em Defesa da Sociedade*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *Vigiar e Punir*. Tradução de Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- MENEGOTTO, R. G. G. *Porto Alegre, Cidade Baixa: Um Bairro que Contém seu Passado*. Rio Grande do Sul: Marcavisual, 2020.
- NARDI, H. C.; SILVA, R. N. da. *A Emergência de um Saber Psicológico e as Políticas de Individualização*. Rio Grande do Sul: Educação & Realidade, 2004.
- RODRIGUEZ, A. C. *Na Encruzilhada do Mercado: Sagrado e Memória no Mercado Público de Porto Alegre*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2023.
- SANTOS, I.; SILVA, C. da; FIALHO, D. E. P.; BARCELLOS, V. D.; BETTIOL, Z. *Colonos e Quilombolas. Memória fotográfica das colônias africanas de Porto Alegre*. Rio Grande do Sul: [s/n], 2010.

SCHÄFFER, B. *Porto Alegre, Arquitetura e Estilo – 1880 a 1930*. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

Submetido: 18 de julho de 2024

Aceito: 6 de agosto de 2024